



### As raízes transnacionais do “país do futebol”: Dori Kürschner e o futebol brasileiro, entre deslocamentos, intercâmbios e preconceitos

Matan Ankava<sup>1</sup>

Doutorando em História (USP)



<https://orcid.org/0000-0002-6351-8574>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 02 de março de 2025

#### RESUMO

O Brasil é (re)conhecido popularmente como o “país do futebol” – condição geralmente justificada em função de fatores e discursos predominantemente autóctones. Neste trabalho, apresentamos uma abordagem diferente, centrada na participação de atores estrangeiros no processo de desenvolvimento do futebol local. Através da recuperação da trajetória pessoal e profissional de Isidor (Dori) Kürschner, procuramos mostrar o papel de imigrantes para o progresso da atividade no país, e sua conquista de renome mundial. Além desta dimensão construtiva, a breve estadia do húngaro no país é reveladora também

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Social, da Universidade de São Paulo (USP). A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do Projeto Travessias – Enciclopédia de Artes, Literatura e Ciências: o legado dos refugiados do nazifascismo, sob coordenação da professora doutora Maria Luiza Tucci Carneiro, e contou com financiamento da FFLCH-USP.



da intolerância e preconceitos da sociedade brasileira da época, e da presença, latente e estruturante, do chauvinismo na escrita da história.

### PALAVRAS-CHAVE

Isidor (Dori) Kürschner; Futebol; Transnacionalidade.

### Introdução

#### Brasil - o país do futebol?

**P**ara o leitor atual, é difícil imaginar o futebol mundial sem o destaque da seleção brasileira – recordista em número de Copas conquistadas e berço de inúmeros atletas de renome mundial. Esta posição, todavia, nem sempre foi sólida: nas primeiras décadas do século XX, a equipe nacional encontrava-se aquém de rivais latino-americanos, como Uruguai e Argentina, e potências europeias, como Itália e os países do Leste Europeu.<sup>2</sup> Os fatores que permitiram à Seleção Canarinho estabelecer seu protagonismo após à Segunda Guerra Mundial foram gestados nas duas décadas anteriores, nas quais ocorreram fenômenos como a profissionalização dos clubes e da profissão.

---

<sup>2</sup> A título de exemplo, quando o Brasil conquistou sua 3ª Copa América, em 1949, a Argentina já tinha vencido esta competição nove vezes, e o Uruguai, oito. As equipes de Argentina e Uruguai dividiram também o protagonismo latino-americano nas competições mundiais, nas Olimpíadas e na Copa do Mundo.



Além do crescimento em campo, os anos 1930 e 1940 foram cruciais também para a construção do lugar social e imagem do futebol no país. Conforme resume Franzini:

Os anos 30 são um momento decisivo na relação entre o futebol e a sociedade brasileira. Enquanto o meio político-cultural começa a redefinir as concepções acerca do ‘nacional’, a popularidade do futebol é impulsionada tanto pelo desenvolvimento do rádio como meio de comunicação de massa quanto pela oficialização do profissionalismo dos jogadores, fato este que transforma o jogo em trabalho. O futebol, assim, estabelece-se como um meio de integração e ascensão socioeconômica para as camadas populares – historicamente excluídas –, bem como torna-se um dos elementos que viriam a caracterizar a identidade nacional brasileira.<sup>3</sup>

Trata-se de entendimento fundamental para o presente trabalho, pois identifica entre diferentes forças a importância da consolidação do esporte como parte integral de uma “cultura brasileira”. Não coincidentemente, este movimento ocorreu no contexto do Estado Novo, no qual se entrecruzaram um chauvinismo institucionalizado e um apreço pelo corpo viril e atleta – discursos que consubstanciaram o regime varguista, assim como a ideologia nazifascista. O entrelaçamento entre o nacional e o futebol foi questionado por Franco Jr., num dossiê da Revista de História da Universidade de São Paulo dedicado a esta modalidade. Mostrando a insuficiência de razões históricas e culturais que costumam explicar a consideração do Brasil como o “país do futebol”, o professor conclui que a origem desta percepção se resume a uma “explicação essencialista e racista [que] era

---

<sup>3</sup> FRANZINI, Fábio. *As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)*. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. s/p.



ingênua e resultava de um momento histórico bem definido, o que não impediu que se tornasse um mantra longamente repetido.”<sup>4</sup>

No presente trabalho, procuramos mostrar como a perpetuação do mito nacional em torno do futebol não corresponde ao processo histórico, e – como é típico do nacionalismo – envolve o apagamento de agentes que não se enquadram em sua mitologia. Para tal, exploramos a trajetória de Izidor (Dori) Kürschner, jogador e técnico que se refugiou no Brasil no auge do Estado Novo, enfrentando o antissemitismo e xenofobia deste, deixando um legado importante para o futebol no país. Na contramão do ufanismo, a trajetória de Kürschner, na Europa e no Brasil, revela como é justamente a abordagem transnacional – com sua atenção para os intercâmbios, deslocamentos e circulações, de agentes e práticas – que ajuda a lançar novos olhares para os fenômenos sócio-históricos sem eliminar a dimensão nacional, mas colocando em xeque sua centralidade.

## Izidor Kürschner no futebol europeu: não é só a bola que se movimenta

Izidor (Dori) Kürschner nasceu no dia 29/06/1885, no então Império Austro-Húngaro. Pouco se sabe de sua infância; após passar a maior parte de sua juventude nos territórios da atual Áustria, em 1901 sua família estabeleceu-se em Budapeste. Izidor, que

---

<sup>4</sup> FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Brasil, país do futebol?* Revista USP, São Paulo, Brasil, n. 99, p. 45–56, 2013, p.54. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i99.



segundo relato pessoal cresceu sentindo-se um “autêntico germânico”, foi se aproximando da identidade húngara após seu estabelecimento em Budapeste.<sup>5</sup> Tratava-se de um fenômeno comum aos judeus da região que, beneficiados pela relativa liberdade e tolerância do império Habsburgo, viviam desde 1867 um processo de emancipação religiosa e integração na sociedade. Budapeste, em particular, passava também por um franco desenvolvimento, do qual participava ativamente sua comunidade judaica, que constituía cerca de 20% da população local.

Ainda de acordo com seu próprio testemunho, na infância, sentiu Dori uma grande paixão pelo futebol. Esta modalidade esportiva surgiu na Inglaterra em meados do XIX, difundiu-se rapidamente pelo Leste Europeu, e, em fins do século, se tornou amplamente praticada. Segundo Richards (2013), o futebol adquiriu duas particularidades nesta região: uma forte participação de judeus, motivados pelas ideias de Max Nordau a respeito da *Muskeljudentum* (literalmente, “judaísmo muscular”); e a tendência de refletir sobre as práticas do jogo, oriundas da atmosfera intelectual daquela época. Dori iniciou sua carreira no *Erdotelki Football Egylet*, clube pequeno de Budapeste. Em 1904 transferiu-se para o *Magyar Testgyakorlók Köre Budapest*, mais conhecido pelas siglas MTK: agremiação esportiva fundada em 1888, voltada inicialmente para a ginástica e esgrima. Tinha entre seus fundadores diversos judeus da ascendente burguesia – possivelmente, a razão pela qual as cores do clube são azul e branco – porém não era exclusivamente judaico.

---

<sup>5</sup> WILSON, Jonathan. *The names heard long ago: How the Golden Age of Hungarian Football Shaped the Modern Game*. London: Blink Publishing, 2019. p.41.



Em 1903, dois anos após a criação do campeonato húngaro de futebol, MTK lançou seu próprio time, que rapidamente ganhou posição de destaque. A principal força por trás deste sucesso foi Alfréd Brüll, judeu e presidente do clube entre 1905-1940. Assassinado pelos nazistas, Brüll é considerado patrono do esporte húngaro e presidente de honra de diferentes associações atléticas locais. Com Dori na equipe, MTK conquistou seus primeiros títulos: o campeonato nacional, em 1904 e 1908, e a Copa Húngara (*Magyar Kupa*), consecutivamente entre 1909-1912. Kürschner atuava na zaga e no meio do campo, e se destacava pela sua leitura de jogo e posicionamento tático. Nos anos seguintes, se estabeleceu como um dos principais jogadores do time, chegando a ser nomeado capitão, e convocado para jogar na seleção nacional.<sup>6</sup> Esta reputação não poupava Dori da necessidade de manter também um emprego formal, como era o costume antes da profissionalização do futebol; entre suas ocupações paralelas, instalou um estúdio de fotografia e vendia equipamento esportivo.

Apesar desses sucessos, o time se encontrava aquém do seu grande rival, o *Ferencvárosi Torna Club* (FTC), que ganhou oito dos treze campeonatos locais realizados antes da Primeira Guerra Mundial. A rivalidade ultrapassava a esfera do jogo: cada uma das equipes carregava um imaginário social, com MTK associado aos judeus, à burguesia e ao nacionalismo húngaro, enquanto o FTC representava as classes baixas e a identidade cristã-germânica. Como ocorre frequentemente no futebol, tratava-se de rótulos pouco

---

<sup>6</sup> BAILEY, David. *Magical Magyars: the rise and fall of the world's once greatest football team*. Durrington: Pitch Publishing, 2019.



fundamentados – inclusive, porque até mesmo o FTC tinha um número considerável de jogadores judeus. Assim, devem ser entendidos como uma espécie de cismogênese identitária, e não como perfis calcados em fatos.<sup>7</sup>

Na busca por melhorar a equipe, Brüll decidiu romper com a condição amadora, e contratar como técnico o escosês John “Jacky” Tait Robertson. Este trouxe consigo um estilo de jogo que vinha ganhando força na sua terra natal, baseado em passes curtos e movimentação. Robertson permaneceu no time menos de um ano; mesmo sem romper com a hegemonia do Ferencvárosi, introduziu no futebol húngaro os primeiros passos na superação do tradicional *kick and rush* inglês (literalmente, “chutar e correr/avançar”), predominante até então na Europa.<sup>8</sup>

Entre fins de 1912 e início de 1913, Dori saiu do MTK e se mudou para a região de Oradea, também parte do Império Austro-Húngaro. Aqui ingressou no *Aradi AC*, um clube “proto-profissional”, que realizava partidas em troca de remuneração.<sup>9</sup> Pouco se sabe dessa fase, que provavelmente se estendeu por cerca de um ano, e encerrou-se com seu retorno a Budapeste.

---

<sup>7</sup> Ver HADAS, Miklós. *Football and Social Identity: The Case of Hungary in the Twentieth Century*, *The Sports Historian* (2000). 20:2, 43-66, DOI: 10.1080/17460260009443368; SZABÓ, Róbert G. *Football and Politics in Twentieth-Century Hungary*, *The International Journal of the History of Sport* (2019) 36:2-3, 131-148, DOI: 10.1080/09523367.2019.1629583.

<sup>8</sup> CLARK, Andy. *Great Expectations: The Story of the Hungarian Football Team at the 1912 and 1924 Olympic Games*. *Hungarian Review* (2012) issue N. 04, pp. 68-79

<sup>9</sup> WILSON, *op. cit.* p. 42.



A eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, levou à suspensão do futebol no país. Com a retomada do campeonato húngaro, em 1916, MTK contratou o técnico inglês James “Jimmy” Hogan. Conhecido pela habilidade técnica e dedicação ao preparo físico, mas também por possuir um caráter bastante difícil.<sup>10</sup> O inglês assumiu o comando da equipe, e recebeu o recém-aposentado Kürschner como intérprete. As afinidades profissionais aproximaram rapidamente os dois, e renderam a Dori também o cargo de auxiliar técnico. Hogan revolucionou os treinos, colocando grande ênfase na técnica individual dos jogadores, em aspectos como drible e domínio da bola, e no estilo de jogo, priorizando os passes curtos e movimentação dinâmica. O preparador inglês introduziu também uma nova relação com o preparo físico: hábitos comuns como cerveja e cigarro foram vetados e substituídos por novos padrões de alimentação e saúde. Essas concepções, que articularam saúde, técnica e tática representavam um movimento importante no desenvolvimento e profissionalização do jogo e dos jogadores, formando os pilares da “Escola Danubiana” de futebol, que revolucionaria o futebol mundial.

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, Hogan retornou à sua pátria e Dori assumiu o comando do time, dando continuidade ao seu sucesso. Liderado em campo por jogadores como Imre Schlosser, Alfréd Schaffer e György Orth, MTK conquistou todos os títulos nacionais (os *Nemzeti Bajnokság*) entre 1916-1925, sendo considerado um dos melhores times do continente. Apesar do sucesso pessoal, o contexto político que se sucedeu ao final da Primeira Guerra – que, além de instabilidade política,

---

<sup>10</sup> BAILEY, *op. cit.*



incluiu também crescimento do antissemitismo – levou Kürschner a sair do país. Aproveitando uma “turnê” realizada pelo MTK em 1919 pela Alemanha e Áustria, diferentes integrantes da equipe, entre eles Kürschner, aproveitaram a oportunidade para migrar.

Kürschner se instalou brevemente na Alemanha, e em seguida mudou-se para a Suíça. Estreou no FC Nordstern Basel em 1923, sendo seu primeiro técnico em período integral – expressão da crescente profissionalização do setor, assim como a reputação alcançada pelo jovem técnico. No ano seguinte, foi convidado a compor a comissão técnica nacional nas olimpíadas de 1924, no qual a equipe conquistou o segundo lugar. O êxito dos suíços foi um marco na difusão da “Escola Danubiana” pelo mundo. Favorecido pelas alterações nas regras de impedimento implementadas em 1925 – que diminuíram de três para dois o número de defensores necessário para inviabilizar o atacante –, o jogo preciso e a superioridade técnica trouxeram diversas vitórias e conquistas dos times da Áustria, Hungria e Tchecoslováquia. Mesmo fora deste eixo, as melhores equipes da época, como Uruguai, Argentina e Itália, empregaram os modelos do Danúbio, favorecidos pela circulação de indivíduos e práticas, através da imigração de técnicos e jogadores e de partidas internacionais - como aquele do rival do MTK, Ferencvárosi, na região do Plata, em 1922.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> MISSIROLI, Antonio. *European Football Cultures and their Integration: The 'Short' Twentieth Century, Culture, Sport, Society*, (2002) 5:1, 1-20, p.8, DOI: 10.1080/713999845.



O sucesso na seleção rendeu a Kürschner o comando do Zürcher Grasshoppers, um dos principais clubes locais. Permaneceu no time entre 1925-1934, tendo conquistado diversos títulos. Seu último trabalho na Suíça foi no Berner Young Boys, no qual atuou por um ano. Teve uma presença importante também fora do campo: sua residência foi um ponto de encontro de gestores suíços e estrangeiros ligados ao futebol, e chegou a emprestar dinheiro para o time Austria Vienna enfrentar uma crise financeira.<sup>12</sup>

### No Brasil

Em 1936, ainda na Europa, Kürschner foi convidado por José Bastos Padilha a dirigir o “Departamento de Futebol” daquilo que ainda era conhecido como Clube de Regatas do Flamengo. A imprensa local apresentou o novo técnico com grande entusiasmo: “para o preparo dos 'cracks' rubro-negros, virá para o Brasil o técnico n.1 do futebol europeu”;<sup>13</sup> “Kuerschner [sic] é um nome conhecido e respeitado em toda a Europa. É ele considerado como o técnico número um do Velho Continente, onde tem dado inúmeras provas do seu conhecimento e competência.”<sup>14</sup>

Kürschner assumiu o comando do clube carioca em 1937, com contrato de um ano. Imediatamente, deu início a profundas modificações na prática futebolística: implementação de um novo esquema tático, que contava com o recuo de um dos meio-

---

<sup>12</sup> WILSON, *op. cit.* p. 120.

<sup>13</sup> *O Jornal*, 25/06/1936

<sup>14</sup> *Diário da Noite*, 25/07/1936



campistas; ênfase em treinos individuais de técnica e condicionamento físico; troca de posição de diversos jogadores; e um maior rigor em relação a aspectos como saúde e preparo físico. A reação inicial foi bastante positiva: “após o exercício procuramos ouvir a opinião de vários jogadores, colhendo dos mesmos unanimemente ótima impressão sobre Kuerschner [sic]. Faustin, Marin e todos os demais declararam-nos que o treinador húngaro é excelente.”<sup>15</sup> Também fora do time as ações do técnico foram elogiadas:

O treinador húngaro Kurschner introduziu métodos absolutamente novos aqui, para o preparo individual dos jogadores de futebol: corridas a pé, saltos de extensão e altura, pulos de cordas, etc. prova-se, mais uma vez, quanto acertada foi a escolha desse técnico. De outro modo, continuaríamos a desconhecer tão originais expedientes para o treino individual.<sup>16</sup>

A favor de Kürschner pesavam não apenas os resultados, mas também uma relação positiva construída com seus atletas - isso, apesar dele não dominar o português:

Kuerschner em tão pouco tempo de contato com os rapazes que integram o quadro de profissionais do Flamengo, conquistou a simpatia de cada um dos seus comandados. Apesar de rigoroso nas suas determinações de ordem técnica, o preparador húngaro não se esquece, entretanto, de dispensar toda camaradagem fora dos momentos de ensaio aos players rubro-negros”.<sup>17</sup>

Não obstante, a lua de mel durou pouco e rapidamente surgiram incidentes que evidenciaram as tensões resultantes do encontro entre duas culturas esportivas distintas. Logo nos primeiros meses, o técnico entrou em atrito com o volante Fausto dos Santos –

---

<sup>15</sup> *O Jornal*, 19/03/1937.

<sup>16</sup> *Diário de Notícias*, 26/03/1937

<sup>17</sup> *Jornal dos Sports*, 01/07/1937



o famoso “Maravilha Negra”, com passagem pela Europa e histórico na Seleção –, recusando a escalar o jogador devido às suas condições físicas. Os métodos do estrangeiro também sofreram críticas, inclusive do então técnico da Seleção, Adhemar Pimenta.<sup>18</sup> A oposição cresceu quando o time flamenguista passou por uma sequência de derrotas, em meados do ano:

É tão bom o padrão de jogo europeu, que os uruguaios venceram três vezes o campeonato do mundo! (...) se a técnica europeia fosse melhor que a nossa, os brasileiros não teriam vencido com um quadro relativamente irado, o famoso conjunto de Motherwell pela contagem de 6x0! E ainda vem esses maníacos de estrangeirismo trazer esse Isidoro Kruschen (também Kuerschner) para destruir o nosso modo peculiar de fazer futebol, pelo padrão europeu, absolutamente nulo quando em confronto com a técnica sul-americana.<sup>19</sup>

Essa notícia foi a primeira numa série de ataques desferidos a Kürschner pelo *Diário de Notícias*. Futebol à parte, é evidente a presença de xenofobia e antissemitismo em muitas dessas críticas: na corruptela do sobrenome e sua apelação pejorativa como “o sal de frutas”, em alusão à marca medicinal Kruschen; na referência ao “cigano hungaro-polonês”, ou nas ilustrações que acompanharam essas matérias:<sup>20</sup>

---

<sup>18</sup> *O Jornal*, 15/07/1937

<sup>19</sup> *Diário de Notícias*, 01/07/1937

<sup>20</sup> Recortes dos jornais *Diário da Noite*, de 04/03/1938, e *Diário de Notícias*, 24/12/1937.



Ilustração 1 -



As acusações aumentaram ao longo do segundo semestre, incluindo um abaixo-assinado da torcida flamenguista que pedia a saída do técnico, mas foi publicamente repudiado pelo presidente Padilha.<sup>21</sup> Os meses seguintes viram o acirramento da oposição a Kurschner e o acúmulo de tensões; quando alguns jogadores, incluindo o astro Leônidas, faltaram a uma sessão obrigatória de massagem, foram multados pelo treinador. Segundo *A Noite*, “pouco afeito à índole dos craques brasileiros, está arrastando contra si, sem perceber, no seio do quadro de profissionais, grandes antipatias”.<sup>22</sup>

Apesar das adversidades, o Flamengo terminou 1937 como o segundo colocado, o contrato do técnico foi estendido, e Kurschner ainda foi convidado a compor a equipe técnica na Copa de 1938. A nomeação gerou novas maledicências:

<sup>21</sup> *O Jornal*, 04/08/1937

<sup>22</sup> *A Noite*, 02/10/1937



Além de Adhemar Pimenta, o esforçado treinador patricio, foi escolhido para ‘preparador físico’ da representação de Brasil Doris Kruschen [sic]!!! Não tem qualificativo essa escolha. Mais competentes que Kuerschner, como preparadores de atletas, temos inúmeros brasileiros, principalmente na Escola de Educação Física do Exército. Mas, é preciso incluir esse estrangeiro, embora com o sacrifício de mestres brasileiros (...) por que, em vez de Kuerschner, turista aqui trazido pelas fantasias germanófilas de um tal Padilha, não se escolhe um técnico entre os muitos que existem na escola de Educação Física do Exército?<sup>23</sup>

Kürschner acabou recusando o convite – parece crível supor que, ao menos em certa medida, em função dessa repercussão. Sua segunda temporada no Flamengo seguiu um padrão similar ao ano anterior: após primeiros meses estáveis, a oposição ao treinador húngaro cresceu gradativamente; suas funções foram gradualmente reduzidas a partir da metade do ano, até seu contrato ser rescindido, em novembro de 1938.

Poucos meses depois, Kürschner assumiu o cargo de preparador físico do Botafogo. A pedido do próprio técnico, fê-lo sem contrato assinado. Junto a Alarico Maciel no comando da equipe, o time alvinegro realizou uma campanha vitoriosa no campeonato carioca ao longo dos meses seguintes. Não obstante, em agosto de 1940 assumiu a equipe o antigo treinador da Seleção, Adhemar Pimenta, e o trabalho do húngaro foi interrompido, por acordo mútuo.<sup>24</sup> Kürschner permaneceu na cidade carioca, já sem cargo, e faleceu de uma morte súbita, cuja razão é incerta. Seu enterro foi realizado

---

<sup>23</sup> *Diário de Notícias*, 08/03/1938

<sup>24</sup> *Diário da Noite*, 20/08/1940



no cemitério São João Baptista, na capital carioca, custeado pelo Flamengo, e seu jazigo tinha o tema de campo de futebol.

### Considerações finais

Poucos anos após sua morte, as contribuições do técnico húngaro foram resgatadas:

Os leitores do *Jornal dos Sports* já conhecem provavelmente minha teoria de que a 'diagonal', prima irmã do 'ferrolho' suíço, foi introduzida no Brasil por Dori Kurschner (...que) não viveu bastante tempo para ver seu triunfo, mas onde seu sucessor, Flávio Costa, triunfou com o 'sistema' de Dori.<sup>25</sup>

Segundo este relato de Willy Meisl, autoridade futebolística e irmão de Hugo Meisl, Kürschner teria colocado as bases não apenas do primeiro grande time profissional do Flamengo, mas foi uma força no desenvolvimento do futebol nacional. Outras vezes endossaram este reconhecimento:

De fato, Saldanha [João Saldanha, técnico da Seleção] não tem somente algumas cartas valiosas, mas à sua disposição está todo um naipe. E ele, antigo discípulo de Dori Kurschner, o húngaro que desde 1938 deu ao Brasil uma organização futebolística, saberá tirar todo proveito do baralho dos bicampeões do mundo.<sup>26</sup>

---

<sup>25</sup> *Jornal dos Sports*, 09/05/1952

<sup>26</sup> *Jornal dos Sports*, 06/08/1969



O próprio Saldanha afirmou: “por isso é que eu sigo a escola de Dori Kürschner, para mim é o melhor treinador que já apareceu no Brasil. Tanto que o futebol brasileiro tem duas faces: antes e depois dele.”<sup>27</sup> Flávio Costa, seu assistente no Flamengo, e com quem teve relação bastante tensa, acrescentou sua observação:

Além de ter trazido para o Brasil a genuína semente da organização e da evolução técnico-tática do futebol, Dori Kurschner acabou sendo responsável, sem querer, por outro problema bem mais complexo: a modelação da imagem do técnico como o único culpado por tudo de ruim que acontece em campo.<sup>28</sup>

O conjunto dessas observações leva a uma conclusão bastante segura: Dori Kürschner era um técnico de excelência, com contribuições e legado fundamentais para o futebol praticado no Brasil, que foi vítima da xenofobia e antissemitismo (características do regime varguista), diretamente responsáveis pelo seu rápido afastamento do esporte. Ao húngaro podemos creditar elementos como o treino individual, a atenção à tática – foi pioneiro na filmagem e análise de partidas – e aspectos físicos e de saúde dos jogadores, que lhe outorgam uma participação fundamental na profissionalização do futebol, não como mercado, mas como prática.

Este entendimento foi sendo resgatado ainda nos anos 1940: “ao aparecer Dori Kuerschner, um sábio das coisas do futebol, o clubismo convertido em nacionalismo e outras coisas mais limitou-lhe o trabalho, numa pseudodefesa dos interesses do ‘padrão

---

<sup>27</sup> *Manchete Esportiva*, 21/09/1957

<sup>28</sup> *Jornal dos Sports*, 08/08/1981



brasileiro”<sup>29</sup> enquanto César Seara, cronista do *Jornal dos Sports*, denunciou categoricamente que “o assassinato de Dori Kuerschner, que aqui se finou de desgosto ante a campanha infame contra ele movida pela quase totalidade da crônica esportiva patricia.”<sup>30</sup> Contrapondo-se aos discursos do Estado Novo, permeado também pela sociedade brasileira, levantaram-se algumas vozes contrárias ao chauvinismo, e que podem servir como lição para nosso olhar para qualquer expressão cultural, tanto no presente, quanto como objeto histórico:

É inegável a importância de que se reveste, em qualquer setor de atividade, o intercâmbio, fonte de recíproca cooperação, de observações e evolução. Quantas e quantas vezes por ele temos clamado, com o propósito de estabelecer ponto de partida para novos trabalhos e para progresso real? Não usufruímos benefícios da vinda de Kuerschner – técnico de futebol – e Saito – técnico de natação ao Brasil (...) o intercâmbio do futebol é, inofismavelmente, utilíssimo, necessário e indispensável.<sup>31</sup>

As palavras finais cabem ao próprio técnico, que – como ocorre comumente – tentou se justificar a partir da posição de vítima:

---

<sup>29</sup> *Esporte Ilustrado*, 17/01/1946

<sup>30</sup> *Diário da Noite*, 12/10/1948

<sup>31</sup> *Esporte Ilustrado*, 02/03/1944



Existe aí um grande erro dos jornalistas e dos jogadores. Não quero ensinar uma tática aos jogadores brasileiros, mas, diversas táticas. Não quero desvirtuar as características do jogo tipicamente brasileiro e sim procurar aproveitar, ao máximo, as qualidades naturais dos jogadores. O futebol que aqui se pratica é um dos melhores do mundo, graças à arte e o engenho inatos dos futebolistas. Há entretanto, um grande desperdício de energias, pois, os brasileiros não tiram tudo o que podem das suas habilidades extraordinárias. O que eu quero fazer é o Flamengo adotar uma tática que combine a mais perfeita técnica da Velha Europa com a arte brilhante dos jogadores brasileiros.<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> *O Jornal*, 08/09/1937